

Confiança na educação

OS ALUNOS da Escola Municipal Paula Brito, na Rocinha, têm como heróis os marginais que ali controlavam o tráfico de drogas, garantindo esse império com o desfile permanente do terror armado. E têm como vilões os agentes da Polícia que na semana passada afugentaram os traficantes. Isto foi o que se viu em cartazes e redações solicitados aos alunos pela direção pedagógica da Escola, no dia seguinte ao episódio.

A REAÇÃO da maioria dos quase mil alunos da escola não deve surpreender. Única escola pública na Rocinha, a Paula Brito serve a uma clientela marcada por um quotidiano de frustrações: condições precárias de habitação, ausência de urbanização adequada, falta de saneamento básico, de postos de saúde, de opções culturais ou de lazer. E todo mundo sabe que frustrações acumuladas desembocam ordinariamente numa descarga incontrolada de agressividade, ao abrir-se uma primeira válvula de escape. Daí a identificação com um marginal como o Buzunga.

CONTUDO, essa identificação, mesmo corroborada pelo psicodrama informal montado pelos alunos nas horas de re-

creio — a brincadeira frequente de bandido e mocinho, em que a preferência é por representar o bandido —, não se pode tomá-la como única e irreformável. Haverá outros heróis na penumbra do mundo ideal dos alunos da Paula Brito; e é pedagogicamente relevante descobri-los, inventariá-los.

O TRABALHO empreendido pelos professores deve revestir-se desse mérito: o mundo das instituições educativas, sobretudo as dos graus básicos, tem que ser solidário ao mundo das comunidades em que se encontram. A escola não pode ser abstrata e ideal em sua ação e métodos, embora deva manter-se idealista a toda prova, nos objetivos. Qualquer aprendizado, de técnicas ou de comportamentos, tem que partir da realidade concreta e mais imediata.

O DIAGNÓSTICO revelador oferecido espontaneamente pelos alunos é sumamente válido. Mas tomá-lo como decisivo e irreversível seria desperdiçá-lo: seria ignorar que ele se fez diante de um quadro que não é jamais estático, em primeiro lugar; e de um quadro, em segundo lugar, carregado de ambivalências.

E É justamente o que torna inaceitável e lamentável a pretensa neutralidade ética da

orientação firmada pela Diretora da Paula Brito: "As professoras não dizem o que é bom, ou o que é ruim." Neutralidade absurda e pedagogicamente mássã.

ABSURDA pela absolutização pressuposta, quer do bem, quer do mal; e pelo esquecimento da verdade corriqueira de ser o mal um bem que se deteriorou. Desse absurdo vem o conformismo fatalista, racionalização da neutralidade ética.

PEDAGOGICAMENTE mássã, porque a escola é instituição, não tanto pelo conhecimento em que inicia, quanto pela tarefa de socialização que cumpre. Ora, socializar é induzir à adesão a crenças, costumes e valores. O que faz da atitude de isolamento ético pretendida pela Diretora da Paula Brito um reforço tácito, mas bastante real, da marginalização. E uma ilusão, ademais: a marginalidade tem também sua moral peculiar; e castradora, às vezes, a mais não poder; donde, o recurso ao terror.

DESSA moral não comungará a Rocinha, ainda que carente de quase tudo. A menos que se veja o homem como mais habilitado para o embrutecimento que para a educação. Estaria perdida, então, qualquer confiança na educação.